

ARTIGO

Recebido em 23 de julho de 2022
Aprovado em 27 de outubro de 2022

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo
de António Feliciano de Castilho: alguns
apontamentos sobre o léxico e seu
confronto com *Os Lusíadas* de Camões

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo by António Feliciano de Castilho:
some notes about the lexicon and its confrontation with *Os Lusíadas* by
Camões

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i2.53617>

José Barbosa Machado

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal, onde leciona História da Língua Portuguesa, Linguística Textual, Estilística e Retórica, etc. É autor do *Índice Analítico do Vocabulário dos Incunábulo em Língua Portuguesa*, publicado em 4 volumes em 2022.

E-mail: jleon@utad.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6517-8948>

RESUMO

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo é uma coletânea de poemas de António Feliciano de Castilho (1800-1875) publicada em 1836. A obra é constituída por diferentes textos em prosa e em verso. O principal, “A Noite do Castelo”, ocupa mais de metade do livro. É um poema com quatro cantos em decassílabos brancos, antecedido por um longo prefácio e seguido por uns “Reparos”. A obra contém mais dois poemas, também em decassílabos brancos, com textos introdutórios: “Os Ciúmes do Bardo” e a “Confissão de Amélia”, este último uma tradução de um poema francês de Delphine Gay (1804-1855). O tema comum aos três poemas é o homicídio de mulheres à mão dos seus amantes ciumentos.

Neste estudo, apresentaremos a distribuição estatística do léxico presente na obra pelas diferentes classes gramaticais, fazendo uma análise comparativa com *Os Lusíadas* (1572) de Camões a nível do uso dos verbos, dos substantivos e dos adjetivos. Desta análise concluiremos que o vocabulário da obra de Castilho é mais variado, apresentando, no entanto, influências da obra de Camões. Apresentaremos também algumas particularidades gráficas e fonéticas, e falaremos da substantivação verbal (Relvas, 2001), um recurso estilístico bastante utilizado pelo autor.

Para a obtenção e o tratamento dos dados, servimo-nos de algumas ferramentas informáticas, como o programa *Lexicon*, o *MS Access* e o *MS Excel*, seguindo as propostas relativas ao uso de métodos quantitativos nas Ciências Humanas e Sociais, e em particular na Linguística, de Desagulier (2017), Johnson (2008) e Lawler e Dry (2002).

Palavras-chave: Castilho. Poema. Romantismo. Léxico. Grafia. Substantivação verbal.

ABSTRACT

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo is a collection of poems by António Feliciano de Castilho (1800-1875) published in 1836. The work consists of different texts in prose and verse. The main one, “A Noite do Castelo”, occupies more than half of the book. It is a poem with four corners in white decasyllables, preceded by a long preface and followed by “Reparos”. The work contains two more poems, also in white decasyllables, with introductory texts: “Os Ciúmes do Bardo” and “Confissão de Amélia”, the latter a translation of a French poem by Delphine Gay (1804-1855). The theme common to all three poems is the murder of women at the hands of their jealous lovers.

In this study, we will present the statistical distribution of the lexicon present in the work by the different grammatical classes, making a comparative analysis with *The Lusíads* (1572) by Camões in terms of the use of verbs, nouns and adjectives. From this analysis, we will conclude that the vocabulary of Castilho's work is more varied, presenting, however, influences from Camões' work. We will also present some spelling and phonetic particularities, and we will talk about verbal substantivation (Relvas, 2001), a stylistic resource widely used by the author.

In order to obtain and process the data, we make use of some computer tools, such as the *Lexicon* program, *MS Access* and *MS Excel*, following the proposals regarding the use of quantitative methods in the Humanities and Social Sciences, and in particular in Linguistics, by Desagulier (2017), Johnson (2008) and Lawler and Dry (2002).

Keywords: Castilho. Poem. Romanticism. Lexicon. Spelling. Verbal noun.

Introdução

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo é uma coletânea de poemas de António Feliciano de Castilho (1800-1875) publicada em 1836 pela Typografia Lisbonense. Denominados pelo autor «poemas românticos» (MACHADO 1996: 116), refletem uma nova orientação estética que o autor, à época ainda seguidor da corrente neoclássica, decidiu experimentar (JÚNIOR, 1997, p. 164).

Fernando Venâncio, um dos poucos investigadores que se têm dedicado a Castilho, considera que este autor «dá, desde 1835, exemplo de aturada reflexão sobre a escrita, concebendo esta como actividade fundamentalmente estética. A produção literária coeva justifica para ele, mas também para a generalidade dos coevos, as maiores preocupações» (1998, p. 18). Isto porque Castilho estava convicto de que na sua época se vivia uma «degeneração do idioma» e que o estado de perfeição se situava na época de Quinhentos, ou seja, ao tempo de clássicos como António Ferreira e Luís de Camões, alguns dos melhores exemplos a seguir no que diz respeito ao vernáculo da língua portuguesa.

Refere Venâncio que, em *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo*, Castilho faz uma longa reflexão acerca destas preocupações. Na “Conversação Preliminar”, o poeta traça um retrato «desenganado, algo apocalíptico, de um idioma, “a formosa, a formosíssima língua portuguesa”, que importa salvar de um “naufrágio” (1998, p. 19). E penitencia-se «de descuidos passados, propondo-se daí em diante preservar essa língua que, em seu dizer, “a nenhuma cedera, se nós o quiséssemos.”» (1998, p. 19). Lamenta o tempo que desperdiçou em não a conhecer melhor e cultivar nas suas aboras anteriores e faz o propósito de, nos escritos futuros, se esforçar por «vasar em fôrma d’aquêle estillo dos nossos bons tempos, que todo espira singeleza, brandura, e innocencia» (CASTILHO, 1836, 174).

Tendo em conta o que Castilho considera ser o bom português, o de Quinhentos, decidimos neste nosso estudo cotejar o léxico de *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo* com o de *Os Lusíadas* de Camões, autor e obra que é citado no “Prefácio” (1836, p. XII).

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo é constituída por diferentes textos em prosa e em verso. O principal, “A Noite do Castelo”, ocupa mais de metade do livro. É um poema com quatro cantos em decassílabos brancos, antecedido por um longo prefácio e seguido por uns “Reparos”. A obra contém mais dois poemas, também em decassílabos brancos, com textos introdutórios: “Os Ciúmes do Bardo” e a “Confissão de Amélia”, este último uma tradução de um poema francês de Delphine Gay (1804-1855). O tema comum aos três poemas é o homicídio de mulheres à mão dos seus amantes ciumentos.

Num cenário medievaresco, o poema principal, “A Noite do Castelo”, conta a história de dois jovens, Inês e de Henrique, prometidos em casamento pelo Conde Orlando, pai da rapariga. Antes de se consumar

a união, Henrique parte para a Terra Santa a lutar contra os infiéis. Inês recebe pouco depois a notícia de que o seu prometido fora morto em batalha e acaba por aceitar a corte de outro pretendente. No dia do noivado de Inês, Henrique aparece. O novo pretendente é morto por ele, assim como Inês, por ter traído o seu amor. Nos “Reparos acerca da invenção da *Noite do Castelo*”, o autor, tendo-se apercebido da semelhança do enredo com o poema “Afonso e Isolina” do escritor inglês Matthew Gregory Lewis (1775-1818), procura justificar-se, explicando a semelhança como mera coincidência, ou, talvez, como uma influência inconsciente devida a antigas leituras.

Os outros dois textos poéticos inseridos na obra andam à volta do mesmo enredo, com personagens diferentes.

Neste estudo, apresentaremos a distribuição estatística do léxico presente na obra pelas diferentes classes gramaticais, fazendo uma análise comparativa com *Os Lusíadas* de Camões a nível do uso dos verbos, dos substantivos e dos adjetivos. Apresentaremos também algumas particularidades gráficas e fonéticas, e falaremos da substantivação verbal, um recurso estilístico bastante utilizado pelo autor.

1. Pressupostos teóricos e metodológicos

O presente estudo tem uma natureza quantitativa, para a qual nos servimos de algumas ferramentas informáticas, como o programa *Lexicon*¹, o *MS Access* e o *MS Excel*, e qualitativa, para análise e discussão dos dados. A obtenção e o tratamento dos dados tiveram por base as propostas relativas ao uso de métodos quantitativos nas Ciências Humanas e Sociais, e em particular na Linguística, de Guillaume Desagulier (2017), Keith Johnson (2008) e John Lawler e Helen Dry (2002).

Para os conceitos gramaticais e os fenómenos linguísticos a que nos referimos neste estudo, seguimos Cunha e Cintra (2001), Relvas (2001), Bechara (2002) e Mira Mateus (2003).

Depois de previamente digitalizado, submetemos o texto da obra *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo* ao *Lexicon*, um programa de análise estatística. Este programa criou uma base de dados em *MS Access* com a listagem de todas as palavras, apresentando o número de ocorrências de cada uma delas, a classe gramatical, a pessoa, o número, o tempo e o modo (para o caso dos verbos), e catalogando-as de acordo com o lema (ou entrada do dicionário). A homonímia foi resolvida manualmente (ex.: *como*, conj./*como*, verb.; *fora*, adv. / *fora*, verb.; *foi*, veb. *ser*; / *foi*, verb. *ir*; etc.). A partir desta base de dados, procedemos à análise do léxico da obra de Castilho e à sua confrontação com os dados, já publicados (MACHADO, 2021), de *Os Lusíadas* de Luís de Camões. As percentagens foram calculadas no programa *MS Excel*.

A linguagem e o estilo de António Feliciano de Castilho foi estudado por Fernando Venâncio em *Estilo e Preconceito: A Língua Literária em Portugal na Época de Castilho* (1998). No entanto, as particularidades linguísticas que apresentamos no presente estudo não foram aí tratadas. Também nenhum investigador até ao momento, tanto quanto nos foi possível apurar, se debruçou sobre as mesmas. Daí a importância e a pertinência da sua presente abordagem.

¹ O *Lexicon* é um programa de análise estatística de textos, disponível pelo Projecto Vercial no seguinte endereço: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/lexicon/>. Para este estudo, servimo-nos da versão 5.4.

2. Distribuição lexical

Da base de dados criada pelo programa *Lexicon*, recolhemos os seguintes dados² relativos à distribuição do léxico pelas diferentes classes gramaticais de *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo* de António Feliciano de Castilho:

Classe gramatical	Ocorrências	Percent.	Formas diferentes	Percent.	Lemas	Percent.
Artigos	4870	12,33%	9	0,11%	2	0,04%
Verbos	6839	17,32%	3813	45,75%	1205	25,99%
Substantivos	7916	20,05%	2538	30,45%	2010	43,35%
Nomes próprios	690	1,75%	185	2,22%	169	3,64%
Adjetivos	2704	6,85%	1392	16,70%	946	20,40%
Advérbios	2650	6,71%	169	2,03%	167	3,60%
Pronomes	5591	14,16%	139	1,67%	61	1,32%
Preposições	5286	13,39%	25	0,30%	22	0,47%
Conjunções	2648	6,71%	28	0,34%	28	0,60%
Numerais	193	0,49%	28	0,34%	19	0,41%
Interjeições	103	0,26%	8	0,10%	8	0,17%
Totais >	39490	100%	8334	100%	4637	100%

Por ocorrências entendemos o número de vezes em que uma palavra ocorre; por formas diferentes entendemos as palavras invariáveis, flexionadas ou conjugadas que não se repetem; e por lemas entendemos as entradas de dicionário. Assim, por exemplo, o verbo *amar* é o lema, sendo as formas diferentes: *ama* (6), *amado* (2), *amando* (1), *amares* (1), *amar-me* (1), *ama-se* (1), *amava* (4), *amavam* (1), *amei* (7), *amou* (3), etc. O valor entre parênteses é o número de ocorrências da palavra.

Apesar das diferenças na estrutura, na temática e na extensão, confrontaremos os dados do léxico de *A Noite do Castelo*³ com os dados de *Os Lusíadas*, não só pelas razões mencionadas na introdução deste estudo, mas também porque a epopeia de Camões, apesar de redigida num género diferente e em época literária distinta, poderá servir de referência, a nível estrutural e lexical, a obras poéticas portuguesas posteriores com características classizantes. O poema principal da obra de Castilho está dividido em quatro cantos, em decassílabos brancos contínuos, estrutura simpática a poetas neoclássicos e românticos (cfr. *verbi gratia*, *Camões* e *Dona Branca* de Almeida Garrett).

O vocabulário comum às duas obras é de 2917 formas diferentes e de 2063 lemas. Na categoria das formas diferentes, o vocabulário comum é de 35%; na categoria dos lemas, é bastante mais: 44,49%. Poderer-se-á argumentar que o vocabulário comum nos textos em língua portuguesa é algo natural, uma vez

² Na tabela não foram incluídos os dados do vocabulário que ocorre num soneto de Bocage integralmente transcrito pelo autor, assim como na tradução do inglês por Alexandre Herculano da balada *Afonso e Isolina*, no poema em francês dedicado à M.^{elle} Delphine Gay e nalgumas frases em latim e italiano.

³ Por economia textual, passaremos a designar o título da obra apenas dessa forma e não com o título *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo*.

que a base lexical é, potencialmente, a mesma. No entanto, no caso de Castilho, como veremos, há vocabulário específico cuja presença nas duas obras não parece ser por mera coincidência.

Costatamos que os substantivos são, a nível das ocorrências, a classe gramatical mais significativa, seguida dos verbos. O mesmo acontece com os lemas. Nas formas diferentes, devido à conjugação verbal, os verbos são a classe mais significativa. Este comportamento do léxico é muito semelhante ao de *Os Lusíadas* de Camões (cfr. Machado, 2021, p. 1).

Os substantivos em comum às duas obras, na classe dos lemas, são 816. Além dos substantivos habitualmente usados na língua portuguesa, há outros que parecem fazer eco da epopeia camoniana. Transcrevemos, entre outros, os seguintes: *alarido, armadura, aspereza, assento, auspício, batel, bonança, bonina, brandura, bruteza, cilada, cópia, deleite, desconcerto, despejo, despojo, desventura, engenho, espessura, fábrica, filomela, insânia, lisonja, mantimento, naufrágio, nojo, opróbrio, pedraria, pego, pejo, recebimento, refresco, refrigerio, tormenta, tormento, trato, usança, valia, viseira, etc.*

Quanto ao uso dos verbos, temos os seguintes dados em ambas as obras:

Obra	Ocorrências	Percent.	Formas diferentes	Percent.	Lemas	Percent.
<i>A Noite do Castelo</i>	6839	17,32%	3813	45,75%	1205	25,99%
<i>Os Lusíadas</i>	10143	17,25%	3965	43,29%	958	20,51%

A percentagem do uso dos verbos em ambas as obras, em comparação com as restantes classes gramaticais, é, a nível do número de ocorrências, semelhante: 17,32% em *A Noite do Castelo* e 17,25% em *Os Lusíadas*. No entanto, quanto à percentagem das formas diferentes e dos lemas, *A Noite do Castelo* apresenta uma variedade superior, o que não deixa de ser estranho, tendo em conta que a extensão da epopeia de Camões está 19,64% acima da obra de Castilho (58.792 ocorrências de palavras em *Os Lusíadas* e 39.490 em *A Noite do Castelo*). A conclusão evidente é que Castilho se serve de mais verbos num texto bastante mais curto do que Camões.

Os verbos em comum às duas obras, na classe dos lemas, são 573. Além dos mais utilizados na língua portuguesa, como os auxiliares, os sensitivos, os declarativos, os volitivos, etc., há um número bastante significativo de outros que parecem, como os substantivos, fazer eco da epopeia camoniana. Transcrevemos alguns: *abastar, afrontar, ajuntar, alembrear, alevantar, alimpar, alumiar, alvoroçar, amedrontar, amostrar, apascentar, arrebatat, arredar, arremessar, arrojar, assombrar, assoprar, assoviar, atroar, bramir, cevar, contender, debuxar, deleitar, demandar, desbaratar, desaparecer, dilatar, empecer, encarniçar, encrespar, enjeitar, enlevar, escarnecer, espedaçar, esperto, estribar, fantasiar, fenecer, guarnecer, imolar, influir, lograr, menear, mondar, navegar, ondear, ornar, pelejar, penar, perecer, prantar, reputar, ressoar, retinir, retumbar, revolver, rinchar, ruminar, rutilar, senharear, sibilar, sobejar, talhar, trasladar, traspassar, urdir, velar, etc.*

A adjetivação pode ser verificada comparando o uso dos substantivos e dos adjetivos. Em *A Noite do Castelo*, temos:

Classe gramatical	Ocorrências	Percent.	Formas diferentes	Percent.	Lemas	Percent.
Substantivos	7916	74,54%	2538	64,58%	2010	68,00%

Adjectivos	2704	25,46%	1392	35,42%	946	32,00%
Totais	10620	100%	3930	100%	2956	100%

Em *Os Lusíadas*, os dados são os seguintes:

Classe gramatical	Ocorrências	Percent.	Formas diferentes	Percent.	Lemas	Percent.
Substantivos	10783	67,61%	2144	58,25%	1623	65,95%
Adjectivos	5165	32,39%	1537	41,75%	838	34,05%
Totais	15948	100%	3681	100%	2461	100%

Sendo *Os Lusíadas*, como já foi referido, um poema mais extenso, embora o número de ocorrências de substantivos seja superior, o número de formas diferentes e de lemas é inferior à obra de Castilho. Isto prova, juntamente com o que dissemos acerca dos verbos, que *A Noite do Castelo* tem um vocabulário mais variado do que a epopeia de Camões.

No que diz respeito ao uso dos adjectivos, embora *Os Lusíadas* tenham um número de ocorrências muito superior (quase o dobro) e mais 145 formas diferentes, já o número de lemas é inferior ao de *A Noite do Castelo*. De um modo geral, a adjectivação em *Os Lusíadas*, tendo em conta o número de ocorrências e de formas diferentes, assim como a sua relação percentual com o número de substantivos, é quantitativamente bastante superior à obra de Castilho nos três tipos de manifestação lexical. No número de ocorrências, os adjectivos na obra de Camões representam 32,39% do vocabulário utilizado; em *A Noite do Castelo* 25,46%. O lugar comum, bastas vezes repetido em manuais escolares, de que a literatura romântica tem uma adjectivação mais prolixa, não é, pois, comprovado nesta obra de Castilho.

Os adjectivos em comum às duas obras, na classe dos lemas, são 395. Além dos adjectivos mais utilizados na língua portuguesa, como *alegre, alto, bom, belo, difícil, fácil, feio, feliz, grande, novo, pequeno, pior, triste*, etc., há um número significativo de outros menos usuais e que parecem confirmar a influência, a nível vocabular, de Camões em Castilho. Transcrevemos alguns: *abundoso, armígero, aspérrimo, crespo, cruento, danoso, deleitoso, desditoso, etéreo, excelente, feminil, fero, férreo, fulgente, funéreo, galerno, grandíssimo, horrendo, horrído, horríssimo, ígneo, ignoto, imoto, indómito, inerme, infando, insano, intrépido, invicto, ledó, miserando, mísero, misérrimo, nefando, nojoso, ovante, pérfido, pressuroso, rábido, rutilante, temeroso, tímido, undoso, venerando, venturoso*, etc.

No que diz respeito às restantes classes gramaticais, tirando os nomes próprios, que em *Os Lusíadas* são em muito maior número (20,24% do total de lemas contra 3,64% em *A Noite do Castelo*), não há grandes diferenças.

3. Algumas particularidades gráficas

3.1) Uma das particularidades gráficas de *A Noite do Castelo* que salta mais à vista é a terminação verbal da terceira pessoa do plural em *-ão* nos vários tempos e modos:

- Presente do indicativo: *abonão; adorão-me; affrontão; alegrão; apertão; arquejão; assombração; boião; chegão; consultão; contemplão; contristão; debandão-se; deixão; demandão; desertão; desfadigão; desmaião; raspão; resoão; restão; retrão; roção; secção; separão; sustentão; trilhão; trotão; uivão; voltão; etc.*;
- Presente do conjuntivo (que nalguns casos substitui o imperativo): *accendão; acudão; acudão; amadureção; buscão; convertão; corrão; c'roão-te; importão; jazão; mordão-se; protejão; rompão; sejão; sumão-se; etc.*;
- Pretérito perfeito: *achárão; acordárão; acordárão; afundárão; alçárão; amarão-me; caírão; cercárão; derão; desdenharão; embalárão; encantárão; estremecêrão; forão; juntárão; memorárão; mentirão-me; morrerão-lhe; olhárão; ouvirão; poderão; purificárão; rebramarão; rojárão; sangrarão; seccárão; sentirão-se; sulcárão; verterão; vierão; virão; voltárão; etc.*;
- Pretérito imperfeito do indicativo: *anciavão; andavão; começavão; encontravão; encrespavão; entravão; erão; escutavão; havião; hião; ião; infamavão; medravão; namoravão; ondeavão; passavão-se; saião; soavão; sorrião; tolhião; vinhão; etc.*;
- Condicional: *apreciarião; quererião; succumbirião; etc.*

O futuro imperfeito apresenta uma configuração diferente do ditongo nasal: *áõ*. Entre outros, temos os seguintes exemplos: *cumpriráõ; faltaráõ; poderáõ; taxaráõ; etc.*

A terminação do *-ão* na terceira pessoa do plural é usual na grafia de obras do século XVIII e início do século XIX. No entanto, em 1836, quando esta obra foi publicada, a terminação tinha já caído em desuso, como se comprova com outras obras da mesma época:

Em *A Arpa do Crente* de Alexandre Herculano (1838), surgem formas em *-am* de acordo com o uso atual: *abominam; arqueam; contam; cercam; espalham; passam; sussurram; convertam-se; adoçaram; conglobaram; deixaram; ergueram; laceraram; legaram; nasceram; ouviram; rangeram; soltaram; tornaram; amostravam; eram; misturavam; tinham; etc.* A terminação em *-ão* está reservada para o futuro imperfeito (*entenderão; exultarão; reboaráõ; unirão; etc.*) e para as formas do presente do indicativo de alguns dos verbos auxiliares, como *estar (estão), haver (hão), ir (vão)* e *ser (são)*.

Na tradução de *Ivanhoé*, de Walter Scott, também de 1838, o uso das terminações da terceira pessoa do plural encontra-se também normalizada. Em *-am* temos: *acompanham; rodeam; tencionam; estejam; exijam; abandonaram; apresentaram; arrancaram; atenderam; augmentaram; bradaram; chegaram; suplicaram; trouxeram; viram; voltaram; cantavam; combatiam; dispensavam; estavam; rolavam; succumbiam; sufocavam; vinham; etc.* A terminação em *-ão* está reservada para o presente do indicativo de alguns dos verbos auxiliares (*são; vão; etc.*) e para o futuro imperfeito (*poderão; etc.*)

Na 2.^a edição da obra *A Primavera* (1837), Castilho mantém o uso da terminação *-ão* em todos os tempos e modos referidos: *brotão; chamão; despedação; figurão; levão-nos; recommendão; passêõ; decidão; agazalharão; boquejarão; ganharão; erão; figuravão; forjavão; havião; hião; jazião; confirmarião; faltaráõ; poderáõ; etc.*

Na obra de Leonardo da Senhora das Dores Castelo-Branco *O Ímpio Confundido*, publicada em 1835, as terminações da terceira pessoa do plural são todas em *-aõ*: *affirmaõ; alegraõ; atestaõ; brilhaõ; brotaõ;*

buscaõ; chamaõ; confiáraõ; deixaõ; devastaõ; encontraõ; eraõ; escálaõ; esmagaõ; foraõ; marchaõ; misturaõ; necessitaõ; negaõ; ondeaõ; praticáraõ; pullaõ; québraõ; régaõ; rólaõ; roubaõ; sejaõ; tiraõ; tornaõ; tornáraõ; variaõ; viraõ; etc.

As quatro obras referidas parecem-nos suficientes para afirmar que em finais dos anos 30 do século XIX a terminação verbal em *-ãõ* se mantinha ainda em uso, começando, todavia, a ser substituída pela terminação em *-am*. Nas duas obras publicadas em 1838, dois anos depois de *A Noite do Castelo*, já não há qualquer resquício do uso da terminação em *-ãõ* para além do futuro imperfeito e do presente do indicativo de alguns dos verbos auxiliares.

3.2) Uma outra particularidade gráfica é o facto de a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *-er* e em *-ar* irregulares (como o verbo *dar*) terminar quase sempre em *-eo*. Exemplos: *abateo; bateo-me; comprehendo; deo; encheo; ergueo; estremeceo; perdeo; prendeo; soffreo; volveo-se; etc.* Algumas formas verbais, excepcionalmente, terminam ora em *-eo*, ora em *-eu*: *correo / corrêo / correu; morreo / morreu-lhe.*

A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *-ir* ora termina em *-io*, ora em *-iu*. Com a terminação em *-io* temos, entre outros, os casos seguintes: *caío; cobrio; fugio; luzio; ordio* (de *urdir*); *presentio; prosequio; repartio-se; repetio; sentio; sumio-se; trahio; etc.* Com a terminação em *-iu*, temos: *abriu-te; conheceu; desceu; deveu-se; esparsiu; feriu; seguiu; etc.* Com as terminações em *-io / -iu*, temos: *ouvio / ouviu-se; resistio / resistiu; vio / viu / viu-se; etc.*

Nota-se uma ligeira oscilação gráfica na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, oscilação esta que deixará praticamente de existir em obras posteriores, prevalecendo as terminações verbais *-eu* e *-iu*, atualmente em uso.

3.3) Nos cantos III e IV do poema “A Noite do Castelo” ocorre uma série de casos em que a conjugação pronominal em posição proclítica vem acompanhada de um hífen: *lhe-acordárão; lhe-exclama; lhe-recordava; lho-ouvi; me-aguarda; me-creste; me-ouve; me-teve; me-traz; o-havia; os-aguardava; se-ajuntárão; se-lhe-molhão; te-alternvão.* No resto do poema e da obra, a mesma conjugação aparece sem o hífen: *lhes fugi; me engano; te assenta; etc.* Aparentemente, não há qualquer razão para o facto de apenas os cantos III e IV terem essa particularidade. Mesmo nesses dois cantos, ocorrem casos sem o hífen: *me aguardavam; lhe infundo; lhe pousára; etc.*

3.4) Embora as oscilações gráficas e/ou fonéticas entre as mesmas palavras ou entre palavras com o mesmo radical sejam escassas, podemos encontrar algumas na obra.

Uma das oscilações mais frequentes é na terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *ser*: *he / é*. Exemplos: «*He* como o fogo» (1836, p. 22); «*he* vão acredita-lo» (1836, p. 15); «Vede a lua, *he* bello um giro» (1836, p. 15); «*É* bem verdade» (1836, p. 79); «*E é* essa a que assassina!» (1836, p. 78); etc. A forma *he*, que vem já das convenções gráficas dos textos medievais portugueses, representa a maioria das ocorrências. No entanto, na primeira metade do século XIX, vai sendo substituída pela forma atual *é*, não sem resistência, como o comprova esta obra de Castilho.

Uma outra oscilação tem a ver com o uso de *s* / *z* com o valor fonético da fricativa sonora [z]. Apresentamos alguns exemplos: *resa* / *rézas* (subs.); *résa* / *reze* / *resão* (vb.); *rosa* / *rosas* / *rozás*; etc. Algumas palavras, atualmente escritas com *z* em sílaba medial, são transcritas com *s*: *amisade*; *asp'resa*; *cellasinha*; *cruesa*; *fésés*; *gosar*; *gosava*; *horisonte*; *praso*; *sosinha* / *sósinha*; *visinhança*; *visinho*; *proesas*; etc. Por outro lado, palavras que atualmente são grafadas com *s* em sílaba medial, são transcritas com *z*: *apezar*; *azás*; *defeza*; *meza*; *pizo*; *preza* (adj. *preso*); *cortezia*; etc. Há ainda um grupo de palavras que, em vez de *s* final, apresenta *z*: *compôz*; *cortez*; *Ignez*; *montanhez*; *pôz-me*; *quíz*; etc.

A representação da fricativa surda [s] apresenta também oscilações. Entre vogais, a consoante tanto é representada com um *s*, como com dois: *pressente*, *pressentes*, *presentio*, *presinto* (do verbo *pressentir*); *ressoa*, *ressoou*, *resoão*, *resoando* (do verbo *ressoar*). Nalguns casos, ocorre apenas com um *s*: *horrisonas*; *horrisono*; *horrisonos*; *presagio* (*presságio*); *prosegue* / *proseguí* / *proseguio* / *prosigamos*; *resequidas*; *sobresalto*; *susurro*; etc. Há ainda o uso do *c* e *ç* para representarem o [s] fora do uso atual: *ancia*; *ancias*; *anciada*, *anciavão*; *arremeçou-se*; *cançasso*; *musulmano*; *serrou*, *serrando* (do verbo *cerrar*); *socegai*, *socegue*; *socego*; etc.

A última oscilação digna de nota, e neste caso com implicações fonéticas, é a troca das vogais *i* / *e*, também chamada alternância vocálica, ou mudança de timbre (BECHARA, 2002, p. 239). Temos diversos casos em *i* pretónico: *disvelo*; *imbebe*; *ingenhosa*; *ingenho*, *ingenhos*; *perigrinas*, *perigrinos*; etc. E um caso em *e*: *fexar-se* (forma do verbo *fixar*). O contexto deste último é o seguinte: «A outra viu *fexar-se* em meia escrita» (1836, p. 29).

4. Substantivação verbal

Na língua portuguesa, em princípio, qualquer palavra pode tornar-se num substantivo, desde que, *privativamente*, sirva de núcleo do sujeito, do complemento direto, do indireto ou do agente da passiva (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 177). Basta para isso antepor-lhe um determinante, definido ou indefinido (RELVAS, 2001, 21). Assim, um verbo no infinitivo impessoal antecedido de um artigo definido, torna-se num substantivo.

Um dos fenómenos linguísticos mais curiosos da obra em análise, pelo número de vezes que ocorre, é a substantivação de verbos no infinitivo impessoal. Além das substantivações já consagradas na língua portuguesa, como *o andar*, *o cantar*, *o olhar*, *o parecer*, etc., surgem muitas outras. Trascrevemos algumas delas: *do imaginar*; *do muito amar*; *do sonhar*; *no apartar-se*; *o abraçar-se*; *o alevantar*; *o apreciar*; *o calar-me*; *o carecer*; *o scismar*; *o cruzar*; *o cuidar*; *o descrever*; *o dobrar*; *o edificar*; *o encontrar*; *o entrar*; *o estrema-la*; *o fugir* (2 vezes); *o morrer*; *o mudar*; *o poetar*; *o ranger*; *o rir*; *o ser submergido*; *o seu correr*; *o sorrir*; *o tintinar*; *o tocar-lhes*; *o toma-los*; *o tumultuar*; *o ver-se*; etc. Esta substantivação verbal não podemos atribuí-la a uma característica típica do estilo próprio do autor, uma vez que noutras obras a sua presença não é significativa. (Cfr., *verbi gratia*, *A Primavera*, 1837).

Nalguns contextos, o verbo substantivado é antecedido de outras palavras, como pronomes ou adjetivos: «Sobre longo sorriso, e o mui *penado* / *Suspirar*» (1836, p. 24); «Do seu genio benefico, *um saudoso* / *Cantar dos seus*» (1836, p. 93); «Foi portanto *o seu correr* para a perfeição litteraria» (1836, pp.

182-183); etc. Noutros contextos, a substantivação verbal é dupla: «Aqui foi *o abraçar-se, o ver-se* a pique / De perdimento!» (1836, p. 71); «*o toma-los* assim como vem casados, e *compor-lhes* digna roda e sequito» (1836, p. 107); «Em anos mui verdes, em que já não fôra pouco *o apreciar e entender* cabalmente os bons Poetas» (1836, p. 183); etc. Há um caso em que os verbos ocorrem quatro vezes antecidos de adjetivo: «E amotinou-se a noite *ao repentino / Cruzar* de ferros, *tropear* de plantas, / *Ranger* de dentes, *retinir* de golpes» (1836, p. 28).

Os verbos substantivados distribuem-se de forma regular pelos textos em prosa (introdutórios, explicativos e outros) e pelos textos poéticos. A maior parte ocorre no poema que dá título à obra. Além de três ocorrências já citadas no parágrafo anterior (p. 93, 71 e 28), temos: «*O tumultuar* do baile – De improviso / *Restruge* os altos tectos» (1836, p. 11); «Que rouquejava entre *o ranger* dos dentes?» (1836, p. 19); «Mas *o dobrar* da torre?» (1836, p. 36); «*O sorrir* máo da asperrima agonia» (1836, p. 53); «Nem com *o morrer* por ti, posso pagarte!» (1836, p. 67); «Rangeo-lhe o peito co' *o cruzar* dos braços» (1836, p. 81); «*o tintinar* agudo / Ondula amor e céu pelo ar ao lomge» (1836, p. 85); «Apoz *o entrar* fechados para sempre» (1836, p. 88). No poema “A Confissão de Amélia” identificámos uma ocorrência: «Baldado era *o fugir*» (1836, p. 197).

Há seis textos em prosa no livro: o “Pefácio” da *Noite do Castelo*, os “Reparos acerca da invenção da *Noite do Castelo*”, “As Bodas do Conde Rizzari”, o “Preâmbulo aos Ciúmes do Bardo”, a “Conversação Preliminar da Confissão de Amélia” e os “Fragmentos do *Génio do Cristianismo*”. No “Pefácio”, identificámos quatro ocorrências: «*O poetar* não era já para mim trabalho assiduo» (1836, p. XI); «*o cuidar* em como o fiz, have-lo-hei por mui folgada recompensa» (1836, p. XV); «se me offerecia muitas vezes entre *o scismar*» (1836, p. XVII); «julgo necessario *o tocar-lhes* eu mesmo a rebate» (1836, p. XXII). Nos “Reparos acerca da invenção da *Noite do Castelo*”, identificámos também quatro ocorrências: «tamanho dissabor me dá *o encontrar* até a mais leve parte de meus ineditos» (1836, p. 98); «e entre *o edificar* mudando a miudo o proprio desenho do edificio» (1836, p. 100); «Não o nego, mas que mal vos faz *o rir*?» (1836, p. 109); «Bem anciam cousa é *o descrever* a madrugada ou o luar» (1836, p. 114). Em “As Bodas do Conde Rizzari”, uma ocorrência: «Mais cedo do que o presumia lhe chegou *o mudar* a carranca de sua má fortuna» (1836, p. 125). No “Preâmbulo aos Ciúmes do Bardo”, cinco ocorrências: «Certo que não desejava eu, nem havia porque desejasse, *o ser submergido*» (1836, p. 144); «Por que razão é jogo saboroso para Inglezes *o fugir* em arrancado galope» (1836, p. 145); «por que razão *o correr* dos dados onde embarcamos toda nossa fortuna, atraem tão poderosamente as vontades?» (1836, p. 145); «mas tenho por mais acertado *o calar-me* com elas» (1836, p. 151); «pelo que, *o estrema-la* de toda a liga e fezes, acto he de mui pura e generosa vontade» (1836, p. 150). Na “Conversação Preliminar da Confissão de Amélia”, três ocorrências: «com *o ser* mais derramada que o original, não tem assaz cunho de nossa lingua» (1836, p. 173); «mas se *o carecer* de vicios he começo de louvor» (1836, p. 173); «com *o deixar* que seus ensaios se imprimissem» (1836, p. 184).

Considerações finais

A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo de António Feliciano de Castilho é uma obra, do ponto de vista literário e linguístico, muito interessante, tendo sido redigida e publicada num período de mudanças estético-culturais em Portugal. A Escola Romântica ia-se impondo, com obras de Almeida Garrett (o poema

“Camões” em 1825 e a *Lírica de João Mínimo* em 1829) e, um pouco mais tarde, de Alexandre Herculano (*A Harpa do Crente* em 1838). Castilho chamou a si o papel de defensor e aglutinador da Escola, até esta ser posta em causa e ridicularizada pela chamada Geração de 70 (MACHADO, 1996, pp. 522-523).

Foi nosso propósito neste estudo apresentar a distribuição estatística do léxico presente na obra pelas diferentes classes gramaticais, comparando-a com *Os Lusíadas* de Camões, quanto ao uso dos verbos, dos substantivos e dos adjetivos. Concluimos que a obra de Castilho tem um léxico mais variado do que a epopeia camoniana. Comparando o léxico de ambas as obras, concluimos também que há, quanto às três classes gramaticais, uma percentagem significativa de léxico comum (56,85%), o que parece confirmar a influência, a nível vocabular, de Camões em Castilho.

Apresentámos também algumas particularidades gráficas e fonéticas, que demonstram que a obra está numa fase de transição, senão linguística, pelo menos ortográfica. Muitas das características presentes encontram-se noutras obras da época e até do mesmo autor. No entanto, nalgumas outras obras, como *Ivanhoé* (1838) e *A Harpa do Crente* (1838), publicadas dois anos mais tarde, essas características já não estão presentes, evidenciando tais obras usos ortográficos mais atuais.

Finalmente, apresentámos um recurso estilístico bastante utilizado pelo autor, a substantivação verbal. Pelo facto de o não rastreamos em todas as suas obras, trabalho que ficará para investigação futura, não podemos concluir que é uma característica típica castiliana. É, no entanto, uma característica da linguagem e estilo de *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo*.

Referências bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.^a ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Braga: Edições Vercial, 2014.
- CASTILHO, António Feliciano de. **A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo**. Lisboa: Typ. Lisbonense A. C. Dias, 1836.
- CASTILHO, António Feliciano de. **A Primavera**. 2.^a ed. Lisboa: Tipografia de A. I. S. de Bulhões, 1837.
- CASTELO-BRANCO, Leonardo da Senhora das Dores. **O Ímpio Confundido**. Lisboa: Tipografia de A. I. S. de Bulhões, 1835.
- CUNHA, Celso e Lindley Cintra. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Sá da Costa, 2001.
- DESAGULIER, Guillaume. **Corpus Linguistics and Statistics with R: Introduction to Quantitative Methods in Linguistics (Quantitative Methods in the Humanities and Social Sciences)**. Cham: Springer, 2017.
- HERCULANO, Alexandre. **A Harpa do Crente**. Lisboa: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1838.
- JOHNSON, Keith. **Quantitative Methods in Linguistics**. Malden: Wiley-Blackwell, 2008.
- JÚNIOR, António Salgado (A.S.J.). Verbete “Castilho”. Em Jacinto do Prado Coelho, **Dicionário de Literatura**, 1.^o volume, 4.^a ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1997.
- LAWLER, John M. e Helen A. DRY (editores). **Using Computers in Linguistics: A Practical Guide**. London: Routledge, 2002.
- MACHADO, Álvaro Manuel. **Dicionário de Literatura Portuguesa**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MACHADO, José Barbosa. “A distribuição vocabular em *Os Lusíadas* de Camões”. In: **Projecto Vercial**: http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/lemas_os_lusiadas.pdf, 2021.
- MATEUS, Maria Helena *et alii* (Org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. 5.^a ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- RELVAS, José Maria. **Gramática Portuguesa**. 2.^a ed. revista, actualizada e aumentada. [Lisboa]: Europress, 2001.
- SCOTT, Walter. **Ivanhoé: A Cruzada Britânica**. 2 vols. Lisboa: Typ. de José Baptista Morando. Tradução de A. J. Ramalho e Sousa, 1838.
- VENÂNCIO, Fernando. **Estilo e Preconceito: A Língua Literária em Portugal na Época de Castilho**. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.